

RETRATOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS: UM PANORAMA DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

Daniel Cavalcante de Sousa
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
danielcadso@mail.uft.edu.br

Neila Nunes de Souza
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
neilasouza@mail.uft.edu.br

INTRODUÇÃO: O QUE É COVID-19?

Em dezembro de 2019, foi identificado, na cidade de Wuhan, China, o primeiro caso de coronavírus. Logo os casos começaram a tomar proporções enormes, espalhando-se por todo o continente asiático, até atingir outros países e, hoje, tomar conta do mundo todo! Pouco tempo depois, em fevereiro de 2020, o Brasil registrou o primeiro caso na cidade de São Paulo.

Em março, a Organização Mundial de Saúde (OMS) oficializou o surto da doença como pandemia e poucos dias depois, a primeira morte pela Covid-19 foi registrada no país. Rapidamente os casos se espalharam por todo território e empresas, comércios, escolas, faculdades, setores públicos e privados tiveram de fechar as portas imediatamente como uma tentativa de conter o alastramento do vírus, com exceção dos hospitais, que tiveram sua taxa de ocupação elevadíssima, passando a lidar de maneira muito mais intensa, frente à lotação de leitos hospitalares e de unidades de tratamento intensivo (UTIs).

RETRATOS DIDÁTICOS PEDAGÓGICOS

Adotando práticas inovadoras, as salas de aulas não se tornam ambientes pesados e cansativos para alunos e professores, e para isso é fundamental que o professor esteja motivado para que possa também motivar. Encontramos diversos problemas numa aula remota, assim como encontramos nas aulas físicas ou presenciais. Tem sido instigador o estímulo das aulas *on-line*, pois as adversidades são muitas: dificuldades de conexão à internet, atividades excessivas, falta de assistência no uso das ferramentas, o domicílio nem sempre é o local ideal devido à quantidade de interrupções por parte dos familiares, fadiga mental, problemas emocionais, falta de materiais e recursos, falta de sensibilidade na convivência da

turma, entre outros. Segundo Witter (1984), a falta de motivação do professor se reflete geralmente nas suas resistências para aceitar inovações tecnológicas e em assumir novos papéis:

[...] a formação, ou a falta de formação adequada, os baixos salários, a desvalorização social do professor, as condições materiais em que se vê compelido a trabalhar, a falta de um sistema adequado de reforços (ou recompensas) pelo empenho em concretizar um bom trabalho, a diversidade dos alunos, a falta de uma boa administração do tempo, planejamentos deficientes, a sobrecarga de trabalho (em número de alunos, de turma e até de escola em que atua), a falta de envolvimento com os alunos, entre outras variáveis a que estão sujeitos, conduzem à apresentação de respostas de manutenção da situação atual, de falta de iniciativa, de desinteresse pela mudança e não engajamento efetivo em qualquer inovação. (p. 41).

As obras “Pedagogia do oprimido” (1987) e “Pedagogia da autonomia” (1996), de Paulo Freire, trazem profundas impressões sobre o pensamento único e tradicionalista que vivemos hoje dentro da educação na sociedade. Vivemos sendo oprimidos e nos tornamos opressores e, quanto a isso, a solução vem por meio de uma educação com uma pedagogia diferente, não centrada apenas no docente, na sala como a única fonte do saber, mas uma educação dialógica, tornando-se um ambiente de construção integrada entre aluno e professor. Buscar a verdadeira educação, humana, ética e justa, é isso que a “Pedagogia da autonomia” se coloca no papel do docente com o mundo real e concreto, na capacidade de empoderamento docente e também de buscar novos métodos e formas, procurando reinventar nesse período delicado que estamos vivendo. Paulo Freire (1996, p. 52) afirma:

Nada, o avanço da ciência e/ou da tecnologia, pode legitimar uma “ordem” desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam enquanto às maiorias em dificuldades até para sobreviver se diz que a realidade é assim mesmo, que sua fome é uma fatalidade do fim do século. Não junto a minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados.

PANORAMA DE UMA EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA

De acordo com o *site* Desafios da Educação¹, a pandemia de Covid-19 impôs o distanciamento social a mais de 1,5 bilhão de estudantes e 63 milhões de professores ao redor do mundo, que ficaram impossibilitados de frequentar os espaços presenciais das escolas e instituições de ensino superior (IES). Esse regime emergencial de aulas, empregado pelas escolas, encontra-se muito distante de um ensino de educação a distância (EaD), comprometendo sua qualidade. De acordo com o *site* G1², por se tratar de forma inédita e inesperada, provocado numa época com grandes explosões tecnológicas de recursos digitais, o Fundo Internacional para a Infância das Nações Unidas (UNICEF) afirma que um terço dos alunos ainda não têm acesso a essa nova plataforma de aulas remotas, a maior parte de famílias pobres ou que não conseguem largura de banda suficiente para realizarem seus estudos, o que causa exclusão social no ensino.

Além disso, é indispensável, também, que seja dado maior enfoque ao acolhimento de nossas crianças, adolescentes e jovens, voltando a um olhar mais humano e atento, que possibilite a nós termos sensibilidade ao identificar não apenas os prejuízos escolares, mas de possíveis situações de prejuízo da saúde mental dos nossos alunos. Logo, devemos sempre ter em mente que a vulnerabilidade e a desigualdade se tornaram mais acentuadas e visíveis, e muitas vezes ignoradas, dentro desse contexto de pandemia. Consideremos o que diz Libâneo (2013, p. 56, 86):

[...] o ensino não é só transmissão de informações, mas também o meio de organizar a atividade do aluno. O ensino somente é bem-sucedido quando os objetivos do professor coincidem com os objetivos de estudo do aluno e é praticado tendo em vista o desenvolvimento das suas forças intelectuais. [...] A escola deve prover aos alunos conhecimentos sistematizados que, contribuindo para o seu desenvolvimento intelectual, sejam úteis para a atividade permanente de estudo e para a vida prática. Sem o domínio dos conhecimentos não se desenvolvem as capacidades intelectuais, não é possível a assimilação de conhecimentos de forma sólida e duradoura.

Dessa forma, torna-se necessário que cada docente busque o que há de positivo em cada discente e revele uma forma para descobri-lo, construindo relações de proximidade e podendo acompanhar o crescimento em seu desenvolvimento

¹ Acesso em: 27 abr. 2021.

² Acesso em: 17 maio 2021.

cognitivo. Libâneo (2013, p. 85) afirma que “o ensino tem, portanto, como função principal assegurar o processo de transmissão e assimilação dos conteúdos do saber escolar e, através desse processo, o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas dos alunos.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, vimos que vencer os desafios, barreiras e obstáculos apresentados não está sendo fácil. Trabalhar sem ajuda de setores governamentais, que poderiam alavancar a educação, tornando-a um espaço de construção do saber e cidadania tem se tornado uma tarefa quase impossível. Destaco, aqui, a luta dos professores que são os heróis, responsáveis pela educação não parar, através de práticas e treinamentos diante do cenário atual. Os alunos aos poucos se esgotam, por não conseguirem realizar atividades e projetos solicitados pelos docentes, muitas vezes pela falta de recursos ou falta de apoio. As famílias ainda estão aprendendo a lidar com essa nova realidade, na qual muitas vezes não têm disponibilidade de tempo, como foi falado, ou pela insuficiência na formação.

De fato, a pandemia do novo coronavírus nos trouxe reflexões sobre o que está sendo feito e o que podemos fazer na educação, concluindo o que vimos, podemos perceber a importância de pôr em prática métodos inovadores para a revolução da educação. Começa por nós o primeiro passo no sentido de aceitar e caminhar nesse crescimento constante a cada momento, estando motivados a querer transformar a educação e abraçar essa causa. Essa é a transformação que precisa acontecer: tornar acessório tudo o que tem causado desmotivação e desânimo, e seguir firme na luta pela educação igualitária e revolucionária.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

WITTER, G. P. Aprendizagem e motivação. *In*: WITTER, G.; LOMÔNACO, P. J. F. B. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: Ed. Epu, 1984.